

REFLEXÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA DE BOLSISTAS EGRESSOS DE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

GT 3. Autogestão como processo pedagógico

Tipo de Trabalho: Resultado de Pesquisa

D'AROZ, Marlene Schüssler¹
PANHOCA, Luiz²
DOZSA, Denys³

Resumo

Esse artigo apresenta reflexões de acadêmicos egressos de um programa de Extensão Universitária e analisa relatos dos impactos da experiência vivenciada na extensão à luz do PORPROEX, de Edgar Morin e Paulo Freire. Trata-se de uma pesquisa qualitativo-exploratória que contou com a participação de dezenove bolsistas egressos do programa de extensão ITCP/UFPR a contar da sua implementação em 1999 até o ano de 2013, a partir de um questionário semi-estruturado. Foi utilizada como metodologia de análise a identificação de núcleos de significação pautados em (AGUIAR e OZELA, 2006) para alcançar o objetivo desta reflexão: identificar os impactos da experiência no programa de extensão. A análise e discussão evidenciam impactos nas dimensões pessoais e profissionais no que refere à experiência discente em termos teóricos e metodológicos; no aprimoramento do conhecimento científico e popular, técnicas e habilidades para lidar com pessoas e realidades sociais; formação e currículo diferenciado. A ITCP/UFPR, a universidade e a extensão são entendidas como importantes veículos de transformação social.

Palavras-chave: Experiências, bolsistas egressos, extensão universitária.

Introdução

Pensar a universidade a partir da sua proposta de formação profissional e disseminação de conhecimentos é um processo complexo, principalmente, quando referimos o aluno e a formação acadêmica. O conhecimento é para Fazenda (2014), constituído a partir dos referenciais de cada sujeito. Uma construção que tem o “velho como ponto de partida para que o novo possa se constituir” (p. 15). Inserida neste contexto

¹ Pedagoga. Doutora em Educação. E-mail: darozmarlene@gmail.com ITCP/UFPR

² Phd em Ciências Sociais. E-mail: panhoca.luiz@gmail.com ITCP/UFPR

³ Engenheiro Ambiental. Mestre. E-mail: denysufpr@gmail.com ITCP/UFPR

está a extensão universitária, que por sua diversidade conceitual e prática interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” da proposta educacional interna da Universidade que envolve os acadêmicos. Este envolvimento resulta em impactos que consistem na relação de resultados alcançados e efeitos produzidos com a mudança na vida destas pessoas.

Ao longo da história, principalmente as universidades públicas, o conceito de extensão universitária tem mudado suas diretrizes conceituais. Com o avanço dos conceitos, novas diretrizes foram implementadas apontando diferentes caminhos orientados pelo Plano Nacional de Extensão, que postula a “Extensão Universitária como processo acadêmico definido e efetivado em função das exigências da realidade, além de indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 05).

Neste âmbito, destacam-se a diretriz da indissociabilidade (ensino, pesquisa, extensão) que reafirma a extensão universitária como processo acadêmico. A esse respeito, tal diretriz:

Coloca o estudante como protagonista de sua formação técnica - processo de obtenção de competências necessárias à atuação profissional - e de sua formação cidadã – processo que lhe permite reconhecer-se como agente de garantia de direitos e deveres e de transformação social. (FORPROEX, 2012, p. 19).

No intuito de extrair da ação protagonista o seu significado e seu propósito parte-se da premissa que toda a experiência não pode ser explicada a partir de um único prisma: são necessários múltiplos e atentos olhares. Neste caso, olhar pela interdisciplinaridade permite que se tenha uma visão mais sistêmica e complexa do ser humano e da realidade que o envolve.

Na universidade o aluno precisa transcender o espaço da sala de aula e buscar ações protagonistas, e uma destas ações ele pode encontrar nos projetos de extensão. Uma vez inserido na extensão universitária, estará envolvido em ações interdisciplinares que não acontece na sala de aula. É o olhar interdisciplinar que segundo Morin (2002b) e Fazenda (2014) direciona o homem em busca de um saber que transcenda o saber-saber e o saber-fazer, conectado com as dimensões objetivas e subjetivas que o envolvem e o constituem. Entretanto, o reconhecimento protagonista na ação da extensão universitária só será possível ser entendido, por todos os envolvidos representados pelos alunos, professores, técnico-administrativos, pessoas das comunidades e estudantes de outras Universidades. Assim, emerge um novo conceito de ‘sala de aula’, que não mais se limita ao espaço físico

tradicional de ensino-aprendizagem. A ‘sala de aula’ são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re) constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e faceta (FORPROEX, 2012, p. 19). E ainda, a extensão inaugura possibilidades importantes na trajetória acadêmica do estudante e do professor que segundo Freire (2006, p.32), é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer.

Entretanto, o reconhecimento protagonista só será possível ser entendido, na ação da Extensão Universitária, e por todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Contrastando com isto, a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/UFPR) busca articular o conhecimento que o acadêmico adquire na sala de aula, acrescidos de novos conhecimentos apresentados nos encontros formativos semanalmente de forma a levar os acadêmicos à reflexão sobre estes, ao pensamento do contexto e do complexo. Nestes encontros formativos a equipe discute, planeja, avalia e reavalia temas transdisciplinares comuns aos projetos desenvolvidos pela incubadora, envolvendo não só as disciplinas, mas também as impressões e informações levantadas em visitas frequentes nas comunidades incubadas.

Considerando relevante a reflexão sobre a formação do egresso de um programa de extensão universitária e a proposta educacional da Incubadora Tecnológica da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR) apresenta-se a necessidade de uma maior compreensão das experiências envolvendo egressos deste programa de extensão. Esta proposta se justifica pela necessidade de se conhecer a contribuição da experiência da ITCP/UFPR na vida pessoal e profissional dos bolsistas que passam pelo programa. O plano teórico deste artigo baseia-se nos: (i) Plano Nacional de Extensão Universitária – FORPROEX (2012); (ii) Paulo Freire (2006,1993); (iii) Edgar Morin (2007, 2002, 2011) e; (iv) na proposta de trabalho da ITCP/UFPR (2007).

Presume-se que participar de atividades de Extensão Universitária contribui para formação do acadêmico, seja pela ampliação de conhecimentos, pelo contato direto com questões sociais, educacionais e praticas. Decorrente dessas argumentações elabora-se a seguinte questão de pesquisa: qual o papel da extensão na formação do acadêmico e de que forma esta vivência tem contribuído?

O acadêmico no Programa de Extensão Universitária ITCP/UFPR

A ITCP/UFPR é um programa de extensão universitária, constituído em junho de 1998 e orientada pelo Plano Nacional de Extensão (FORPROEX, 2012). Vem desde então

estreitando os vínculos da Universidade em relação aos movimentos sociais e organizações comunitárias. A solução de continuidade para as sensíveis mudanças conjunturais ao longo dos anos que transcorreram à sua formação foi estabelecer na sua filosofia da ação, os princípios cooperativos que ela pregava aos incubados (BERGONSI, LACERDA, 2007).

O trabalho na ITCP/UFPR é orientado (i) pelo arcabouço teórico e metodológico da indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão; (ii) nas bases conceituais primeiras da Economia Solidária (SINGER, SOUZA, 2003), (iii) no Desenvolvimento Local (PREVOST, 2011); (iv) nas Tecnologias Sociais (DAGNINO, 2011).

A formação teórica e prática implicam conhecer, refletir e fazer, cujo resultado é ouvir a comunidade, rediscutir coletivamente e orientar para a ação. O programa desde a sua implementação em 1999, já compartilhou experiências e contribuiu para a formação diferenciada de aproximadamente 209 bolsistas de diferentes cursos de graduação e pós-graduação. Contou com o apoio de professores, técnicos e professores colaboradores internos e externos à UFPR, além de eventualmente contar com alunos voluntários.

O aprendizado adquirido entre a equipe e no seu convívio com a comunidade visa promover maior conscientização do seu papel social e uma ampliação da visão profissional. Ou seja, se pratica o que se está ensinando. Essa troca de informações gera um maior retorno à comunidade e nas expectativas do/a estudante extensionista.

A extensão universitária tem sido para muitos alunos de graduação uma das possibilidades de complemento do curso de origem, além de proporcionar novos conhecimentos, o contato com diferentes realidades e currículo diferenciado, importante ferramenta frente ao competitivo mercado de trabalho vigente. O discente ao ingressar na vida acadêmica busca aprender e apreender teorias e internalizar os meios cognitivos de compreender o mundo para aplicar no mercado de trabalho. Esse mercado, cada vez mais exigente, atribui à universidade a responsabilidade da formação que de conta de atender a demanda da qualidade. O mercado atual está cada vez mais competitivo e internacional, e para competir internacionalmente precisa qualificar os prestadores de serviço.

Como refere Morin (2002b), de que serviriam todos os conhecimentos se não os confrontássemos uns com os outros, a fim de formar uma configuração capaz de responder às nossas inquietudes e expectativas?

O trabalho coletivo e interdisciplinar nas relações humanas e sociais é um dos caminhos apontados por Morin (2002b), desde que não somente dentro da universidade, mas também, fora dela. E complementa. O atual modelo de educação é incapaz de perceber as relações existentes entre os conhecimentos e as aprendizagens e porque ambos devem

acontecer concomitantemente. Tanto nas universidades como nas escolas tudo é fragmentado, cada coisa no seu tempo e lugar. No seu lugar está o fazer do professor, a estrutura das salas de aula, os corredores e pátios. Ou seja, primeiro a graduação – teoria – formação, ficando a prática para planos futuros, quando o aluno se insere no mercado de trabalho.

Frente a uma realidade mundial globalizada, onde os estudantes têm acesso a todo tipo de informação, não há mais espaço para professores que se limitam a ensinar apenas os conteúdos da sua disciplina sem considerar como este conhecimento está ligado a outras áreas, as experiências no contexto social e cultural, e sofre influências das mesmas.

Como refere Freire (1993, p. 35), “o melhor aluno não é o que disserta, *ipsis*, não é o que mais memorizou as fórmulas, mas sim o que percebeu a fórmula destas. (...) é o que pensa criticamente sobre todo este pensar e corre o risco de pensar também”. E complementa.

Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar e educar-se, na prática da liberdade é tarefa daqueles que sabem que pouco sabe - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar, a saber, mais- em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabe, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 2006, p. 25).

Na extensão, o aluno encontra estes outros saberes e a partir destes, se reinventa.

Metodologia

Este artigo trata de um estudo de caso com bolsistas egressos da ITCP/UFPR. Objetiva-se discutir e refletir o papel da extensão na formação considerando a experiência de egressos da ITCP/UFPR.

Os participantes são bolsistas egressos do programa desde a sua criação em junho de 1999 a 2013. Cada participante recebeu uma carta convite com a apresentação dos objetivos e procedimentos da entrevista escrita. Consta dessa carta um questionário para a coleta de dados do respondente e cinco questões abertas, garantindo-se o sigilo e a identificação do respondente. De um universo de 162 egressos convidados, participaram deste estudo 19 bolsistas. A análise dos dados baseou-se na identificação de núcleos de significação (AGUIAR e OZELA, 2006) em três etapas. Na primeira etapa efetiva-se a leitura flutuante que possibilita a familiarização com o material coletado visando a sua apropriação. Na segunda etapa buscou-se pré-indicadores para a construção dos núcleos

futuros, temas mais diversos, caracterizados por maior frequência, importância enfatizada nas falas, carga emocional presente, pelas ambivalências e contradições e pelas insinuações não concretizadas. Na terceira etapa os elementos pré-indicadores irão compor os indicadores finais ou núcleos de significação.

Resultados e análise

De um universo de 162 bolsistas, participaram deste estudo dezenove bolsistas egressos graduados e ingressos no mercado de trabalho. Dezesesseis participantes residem em bairros de Curitiba, Paraná, os três restantes em outros estados brasileiros (PA, MS, SC). Esse estudo resultou na definição de três núcleos a partir das respostas dos participantes do estudo: *Formação diferenciada; Formação cultural; Novas possibilidades.*

Núcleo 1 - Formação diferenciada

A experiência possibilita criar uma nova maneira de ver as coisas. Ela favorece novas formas de aproximação da realidade social e uma nova leitura das dimensões socioculturais que envolvem os sujeitos no processo.

O aprimoramento de habilidades é para os participantes, resultado da interface entre o saber produzido no interior das universidades com o saber popular, ou seja, com a cultura local e desta com a cultura universitária. Neste sentido, a extensão inicia uma trajetória para transformação da sociedade, transforma-se a si mesma e transforma sua relação com os outros “fazer acadêmicos – ensino, pesquisa e extensão”. O significado desta ação é percebido no relato a seguir.

Com a experimentação a campo, pude (re) significar a teoria vista em sala de aula, compreendendo os conceitos e ampliando as formas de transmiti-los aos agricultores. Reconhecendo a importância do conhecimento popular, pude compreender histórias e tradições que impulsionaram hipóteses científicas vistas nas disciplinas técnicas; etc.(Fer).

Crescimento pessoal e profissional é identificado pelos participantes como um dos impactos positivos quando da experiência neste programa de extensão. Reveste-se também, e de forma positiva, de um início de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação e formação das Universidades, em sua relação com a sociedade, deixando de priorizar a formação pela demanda do mercado de trabalho. Acrescentam na vida pessoal e profissional do acadêmico, novos desafios e sobre estes, a participante Kau relata.

A ITCP/UFPR foi muito importante para minha formação pessoal. Foi grande parte não somente da minha universidade, mas também da minha vida por muito tempo. É, sem dúvida, um furacão de aprendizados diários que te desafiam de te renovam mensalmente, semanalmente, diariamente!(Kau).

A incorporação de novas práticas e conhecimentos inicia nos momentos formativos na ITCP/UFPR e se estendem nas ações realizadas em campo junto às experiências vivenciadas com a comunidade. Até então, para os participantes, a formação era teórica e na sala de aula. Tal observação é para os participantes consequência do sistema de ensino aplicado dentro da Universidade que intenciona preparar acadêmicos para o mercado de trabalho, além de tencionar o pensamento destes à princípios individuais de visão da sociedade. O bolsista de extensão se diferencia porque vivencia ainda na graduação uma experiência social. Os conhecimentos transmitidos passam a ser situados historicamente e entendidos como algo que não é absoluto, único. A esse respeito refere Morin (2001), conhecimento é algo que deve ser questionado sempre, pois se trata de uma versão, de um recorte da realidade, uma tradução, passível de erros e ilusões por ser, como tal, fruto de reconstruções. A este respeito.

O contato com diversos públicos-alvo do programa, com estudantes de diversos cursos, com professores com diferentes bibliografias e metodologias de trabalho e servidores com uma grande diversificação de experiências dentro da universidade me ajudaram a amadurecer características muito valiosas hoje em minha vida (Fer).

Deste processo podemos postular que incorporar novas práticas foi possível pela intensificação das ações no coletivo, na interdisciplinaridade, nas relações humanas e sociais não somente dentro da universidade. Neste momento, o aprofundamento do conhecimento do professor sobre o universo do aluno vai acontecendo por meio do saber-ser, do afeto, desenvolvidos em ambiente de confiança mútua, pelo processo de desenvolvimento das práticas existentes com a inserção de novas práticas adquiridas em parceria. A formação na ITCP/UFPR é descrita pelos participantes De e Fran.

Na ITCP se trabalhava com a perspectiva de formação de grupos para o trabalho coletivo, apropriação do conhecimento por esses grupos, respeito a realidade dos grupos, uma linha voltada a educação popular (De).

Formar a partir da teoria e da prática implica em conhecer, intervir e refletir. Esse princípio é de uma proposta interdisciplinar que possibilita aproximar o aluno da realidade social promovendo trocas de experiências, intercambio cultural criando redes.

A oportunidade de aplicar a teoria na prática de campo proporcionou um melhor entendimento do conhecimento científico. Quando levávamos os questionamentos de

campo para a Universidade, desenvolvemos a análise crítica e a visão científica para resolver as questões (Mo).

Observa-se que como extensionista, o aluno leva para a comunidade seus conhecimentos e técnicas, ação esta, dada no domínio do humano e não do natural, o que equivale dizer que a ação não tem como objetivo o humanismo, mas de tornar o mundo dos homens, um mundo melhor. A esse respeito Freire (1983, p. 26) postula que “a conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. Essa posição é entendida por Eme no relato a seguir.

Trabalho em equipe e aceitação das ideias diferentes da minha. Todos os trabalhos da ITCP/UFPR foram de construção coletiva, visando a pluralidade e a valorização de todas as ideias. Essa formação veio constituir um diferencial na minha carreira como economista e como professor, uma vez que por muitas vezes fui reconhecido por ter um perfil conciliador e humanista. (Eme).

Por ser uma proposta interdisciplinar, implica na capacidade do outro de construir relações com outros e com o mundo de forma interdisciplinar interna e externa a universidade e a ITCP/UFPR. E mais, além de interdisciplinar, é dialógica e instrumentalizadora, e deste processo dialógico de teoria/prática, favorece a visão integrada do social.

Núcleo 2. Formação cultural

Conhecer diferentes culturas envolve conhecer espaços, crenças, comunidades, o jeito de ser e de viver de pessoas que podem resultar em uma complexidade de conhecimentos. Desta relação, alguns vínculos se fortaleceram e permanecem duradouros por anos. Esta convivência pode gerar além de vínculos afetivos, conflitos que desencadeiam divergência de opiniões e comportamentos. No caso do trabalho coletivo na ITCP/UFPR, tais divergências são percebidas também, quando se trata da hierarquização dos cursos uma vez que estes se diferenciam por grau de importância e status aos olhos da atual conformação social. Estas situações decorrentes da reflexão enquanto indivíduo e coletivo configuram desafios para convivência grupal e possibilitam reavaliar a proposta formativa da universidade.

Segundo Freire (1983, p. 22), “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos.” Nesse sentido, o trabalho do profissional que atende a comunidade não é de imposição de saberes,

mas de socialização de conhecimento, demandando uma postura da parte do acadêmico que precisa compreender que o seu papel é o da humanização e transformação. Ou seja, a troca e interação simultânea de conhecimento, aprendizado e humanização contribui na construção da relação professor-acadêmico-comunidade, comunidade-acadêmico-professor que por meio do diálogo, possibilita ações concretas além de novos conhecimentos, resultando na apropriação de novas metodologias.

Apresentar informação para as pessoas não é ensinar. O aprendizado é entender esse conteúdo em sessões interativas, interdisciplinares e ricas de aprendizagem.

Haviam vários ambientes organizados: o geral, o trabalho com grupos, o trabalho com projetos, trabalhos por áreas e outros, mas todos os envolvidos (estudantes, docentes e servidores) de uma forma ou outra se intercalavam, interagem. Aprendi muito com meus colegas das mais variadas áreas de formação (De).

No tocante à proposta interdisciplinar é também estendida internacionalmente. A metodologia diferenciada abordada pela ITCP/UFPR é possibilitada por redes de intercâmbio com universidades e comunidades internacionais do Chile, Argentina, Estados Unidos, ampliando as relações e afirmando o conceito de interdisciplinaridade. A *Internacionalização cultural* integra diferentes áreas e viabiliza ligar distintos conhecimentos, tendo como base aprofundar, crescer e difundir estudos compartilhados das experiências entre bolsistas e professores pesquisadores de outras universidades. Para tal proposta, entende-se que a interdisciplinaridade não pode ser apenas estudada, e sim exercida (MORIN, 2011). Nesse sentido, a proposta da ITCP/UFPR quebra paradigmas quanto às expectativas iniciais da inserção do estudante no programa.

Núcleo 3. Novas possibilidades

Não há educação feita por um indivíduo, descolado do outro. Assim como, não há educação restrita apenas pela via da universidade. Partindo dessa premissa, ao apontar os caminhos percorridos fica visível para os participantes que ao concluir a graduação, começa uma longa jornada. Quando o acadêmico participa de projetos, ele com certeza sai da universidade com um currículo diferenciado e, este currículo pode direcioná-lo para novos desafios, um deles, a pós-graduação.

Foi através do aprendizado na gestão dos vários projetos da ITCP/UFPR, da extensão nas comunidades, da produção de artigos e das muitas pesquisas e leituras realizadas que consegui construir um rico currículo acadêmico e este possibilitou a minha participação no Intercâmbio para a Universidade do Porto-Portugal/ Curso de Economia. E em consequência disso, quando voltei, o meu primeiro emprego foi fruto da ITCP/UFPR. (Sil).

Os novos desafios que envolvem ensino, pesquisa e extensão desafiam também o papel da ITCP/UFPR e da universidade pública. A proposta de formação universitária definida para este tripé define conceitos educacionais sem atender um dos seus critérios definidos no documento vigente, o de inserir o aluno nas ações extensionistas visando o seu crescimento pessoal e profissional.

Na atualidade, as instituições de ensino superior primam por ofertar uma formação que atenda o mercado qualificado de trabalho. É, principalmente, das universidades que se espera uma formação que contemple as exigências do mercado e seus prestadores de serviço. A formação acadêmica segundo os participantes apontou novos percursos a partir da participação em projetos dentro da universidade. Segundo Freire (1993), fazer extensão universitária é ampliar a formação, aprofundar a teoria e a prática por meio de ações no tempo e nos espaços pedagógicos. Uma formação diferenciada não necessariamente precisa acontecer na universidade e não necessariamente com professores doutores.

A minha visão de Universidade foi profundamente modificada. Hoje vejo a Instituição não mais como uma formadora acadêmica de teorias, mas também com um papel social muito importante, proporcionado pela extensão universitária. A Universidade, na formação e na construção de teorias sociais, deixa de ser meramente expectadora, para agir socialmente. Na experiência da ITCP/UFPR, as comunidades e as cooperativas não são meros laboratórios sociais de observação e de pesquisa-ação, mas também o alvo do papel social de transformação das realidades locais, respeitando suas culturas e tradições. Fazer extensão foi fundamental. (Eme)

Aprender para além da sala de aula com as comunidades implica para os bolsistas uma preparação previa e ampla antes das experiências com as comunidades. Quando estas experiências acontecem envolvendo em um mesmo contexto jovens acadêmicos de distintas áreas do conhecimento, temos segundo (MORIN, 2002), a complexidade das relações uma vez que passam do individual para o coletivo, para o complexo.

Com a formação interdisciplinar e experimentação à campo, pude ressignificar a teoria vista em sala de aula, compreendendo os conceitos e ampliando as formas de transmiti-los aos agricultores; reconhecendo a importância do conhecimento popular, pude compreender histórias e tradições que impulsionaram hipóteses científicas vistas nas disciplinas técnicas; etc. (Fer).

Fazer extensão fez de cada participante um ser humano diferenciado pessoalmente e profissionalmente. Passar pela experiência de um projeto de extensão foi acima de tudo um dos pontos fortes, positivos da formação. Ao fazer extensão estamos ampliando nossos horizontes, estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade, a Sociedade e a comunidade e vice-versa. Partindo de este olhar o bolsista que participa de um projeto de

extensão não é mais o mesmo. Para quem orienta passa por uma profunda reflexão do seu papel social, de promotor de mudanças, e transcende assim a prática e na prática com as comunidades. Tanto a equipe quanto a universidade que vai não serão os mesmos que voltam e a comunidade que vai não será a mesma que volta. A esse respeito refere Freire (1983, p.28), “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando”.

Considerações finais

Conhecer os impactos negativos e positivos consequentes da experiência de bolsistas egressos em um programa de extensão universitária foi o objetivo deste estudo. Assim, a partir da problemática que norteou a pesquisa, os impactos são constituídos por meio do aprendizado de novos conhecimentos e a incorporação de novas práticas.

Para os bolsistas egressos da extensão universitária, a experiência no programa proporciona momentos extremamente importantes para a sua formação pessoal e profissional, consolidando o fazer acadêmico, social e articulador da Universidade. Entretanto, o grande ganho se dá pelas práticas sociais através do próprio fazer extensionista e das vivências com as comunidades atendidas. A ITCP/UFPR segundo os participantes tem sido um importante veículo de transformação social tanto para com o acadêmico quanto para com comunidades. Sobre a universidade, o aluno de extensão passa a conhecer outra universidade também voltada para as questões sociais, e não só envolvida com laboratório de teorias. Nesse sentido, o programa tem sido avaliado pelos egressos de forma positiva e defendido que a oportunidade de aprender com a mão na massa e de explorar um problema permitiu aos bolsistas aprender fazendo uma mesma tarefa junto a integrantes dos mais diferentes cursos.

Por fim, as atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensinam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Torna-se relevante repensar a educação, atentos, acima de tudo, aos aspectos que incidem na proposta de ensino-pesquisa-extensão vigente, principalmente, nas universidades públicas, no que se refere à oferta de bolsas de estudo que possam atender um número maior de acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento.

Agradecimentos

Agradecemos à PROEC, à FINEP e ao CNPq pelos recursos e auxílio durante andamento dos Projetos.

Bibliografia

AGUIAR, V. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia, Ciência e Profissão*. V. 26. N. 2. Junho. Brasília, 2006.

BERGONSI, S.S.; LACERDA G. B de. (Org). *Cooperativismo, Economia Solidária e Inclusão Social: métodos e abordagens*. Curitiba: PROEC, 2007.

BRASIL. Decreto 19.851 de 11 de abril de 1931. *Estatuto das Universidades Brasileiras*.

DAGNINO, R. P. Tecnologia Social: base conceitual. *Revist@ do Observatório do Movimento pela Tecnologia Social da América Latina*. 1(1) 2011. pp.1-1.

FAZENDA, I. C. A. (ORG); GODOY, H. P. (COORD. TÉCN). *Interdisciplinaridade: pensar, pesquisar e intervir*. Editora CORTEZ, 2014.

FORPROEX. *Extensão Universitária: organização e sistematização / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. Disponível América Latina. Buenos Aires: Editorial Miño y Dávila, 2012.

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 8ª Edição. Coleção o MUNDO, HOJE, Vol. 24. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

_____ *Extensão ou Comunicação*. 13a Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2006.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad.: Eloá Jacobina. 7a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

_____ *Introdução ao pensamento complexo*. 4 Edição. Editora Sulina, 2011.

PREVOST, P. *Enjeux didactiques dans la formation des agronomes: cas de la notion de terroir*. *Natures Sciences Sociétés* 19, 50-55 (2011). pp. 50-55.

SINGER, P., SOUZA, A.R. (org.) *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.